

DEUS E PESSOAS IDOSAS: UMA RELAÇÃO DE VIDA E DE ALEGRIA

Humberto Maiztegui Gonçalves

1. As diversas formas bíblicas de identificar as pessoas idosas

Há diversos conceitos usados na Bíblia para se referir às pessoas idosas. Um dos termos usados é *shebah* que se deriva de *cabelos brancos* (Lv 19,32). Em geral é um termo presente em textos legais e sapienciais, mas que é pouco usado para descrever a pessoa idosa na sua vida cotidiana (Pr 16,31; 20,29).

Um outro termo pouco usado é *yasis*, empregado como referência à sabedoria das pessoas idosas (Jó 12,12), mas que só aparece no livro de Jó (sendo um termo próprio da época pós-exílica).

A palavra hebraica *zaqen* deriva-se de *barba*, sendo o termo mais abrangente que descreve tanto o exercício da liderança (*liderança adulta*) quanto à *pessoa idosa* ou a *velhice*. Deste termo deriva-se o uso de *presbítero*, *ancião*, *senador* ou *sheik* (árabe) como denominativo da função de liderança numa determinada comunidade (1Tm 5,17; 2Jo 1,1 entre outros). A palavra hebraica *zaqen* ou a grega *presbítero* oferecem uma possibilidade de reflexão tanto da experiência da pessoa idosa quanto do exercício do poder na comunidade (Gn 18, 12 e Ex 3,16; 4,29 entre outros). De fato, o reconhecimento sócio-político-ideológico das pessoas idosas no Antigo Oriente era tal que toda liderança, mesmo não sendo a pessoa mais idosa de uma comunidade, era chamada de *ancião*.

Finalmente, há um conjunto de conceitos menos exatos que indicam a “idade da plenitude” ou “idade de muitos dias ou anos”. Expressões como “cheios de dias ou anos” indicam uma longa caminhada na vida. “Muitos dias/anos” é frequentemente usado para descrever uma parte da vida ou da história de uma pessoa (Gn 21,33) ou uma pessoa com uma longa história de vida (Gn 25,8).

Na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento usada pela Igreja Primitiva) e no Novo Testamento, há duas palavras usadas para identificar pessoas idosas: *geron* que significa apenas *idoso/a* e *presbítero* (usada tanto para pessoas idosas quanto para lideranças). A ponte entre o vocabulário hebraico e o grego permite visualizar como as pessoas idosas continuaram a participar do processo da revelação no Novo Testamento.

Finalmente a diversidade conceitual demonstra que as pessoas idosas não foram excluídas da revelação bíblica e tiveram um importante papel tanto histórico quanto simbólico no desenvolvimento teológico da fé judaico-cristã. Mas que tipo de relação Deus construiu junto às pessoas idosas como contribuição para a fé de todas as outras pessoas?

2. As pessoas idosas como alegres portadoras das promessas (Gn 15)

Possivelmente a promessa da descendência foi apresentada como primeira garantia de resistência e sobrevivência na vida seminômade nos desertos e estepes.¹ Esta promessa de descendência foi a mãe das outras promessas de Vida como a da terra (garantia de Vida para as famílias camponesas) e a libertação (garantia de Vida contra os poderosos).² Hoje quando se fala em *promessa*, geralmente, se faz ligação com as crianças ou jovens, mas dificilmente com pessoas idosas. No entanto, na Bíblia este processo de revelação das garantias de Vida nasce entre as pessoas idosas.³ Em Gênesis 15,1-6 se registra a promessa da descendência; nos versos 7 e 8, a promessa de libertação e nos versos 18b a 21 a promessa da terra. Este resumo de esperanças inclui, além da descendência e da terra, a esperança da paz (*shalom* que, no seu sentido hebraico, significa fartura, segurança e felicidade) e uma velhice feliz (em hebraico *beshebah tovah*). Portanto, chegar a viver muitos anos (uma plenitude de anos) e vivê-los com felicidade e alegria foi, desde tempos antigos, e durante toda a revelação bíblica, parte dos sonhos de Deus e de seu povo (Is 65,17-25).

2.1. O riso da idosa Sara (Gn 18)

A revelação bíblica insiste, na contramão do imaginário dominante, em colocar pessoas de idade avançada como geradoras de Vida. Vincular pessoas idosas à geração de Vida mostra uma opção mais teológica do que natural (mais ainda se pensamos nos tempos antigos). As próprias pessoas envolvidas neste processo de revelação duvidaram, tendendo à descrença. A dúvida mostra a intencionalidade teológica de Deus, que busca surpreender às pessoas no seu cotidiano de Vida.

Para existir uma descendência, uma promessa geradora de Vida precisou propositalmente emergir do cotidiano de um casal de pessoas idosas e, em especial, de uma mulher idosa. A revelação da descendência de Sara e Abraão acontece num contexto muito rico em simbologia. Há uma árvore sagrada chamada em hebraico de *Elah* que é o feminino de *El* que significa Deus (18,1). As árvores sagradas eram ligadas no Antigo Oriente aos rituais de fertilidade. Sob a árvore *elah* se buscava o favor das divindades para garantir a descendência e a produção. A divindade se apresenta de forma plural *adonay* (“meus senhores” – 18,3). Há uma oferenda comestível oferecida a esta(s)

1. THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-estatal*, p. 34. Thiel afirma: “a existência da grande família garantia um abastecimento econômico uniforme dos seus integrantes (...) a propriedade da família passava diretamente para o filho mais velho”. Robert Michaud (*Os Patriarcas Gênesis 12-36*, p. 96) é ainda mais enfático sobre o significado da não-descendência para uma família seminômade equivalendo, segundo o autor, a “fracassar na vida”, a “uma maldição infligida pelo deus do clã” e, até, seria o fim do próprio clã.
2. BOFF, Clodovis. Como Israel se tornou povo? *Estudos Bíblicos*, 7, 1985, p.16. Afirma C. Boff: “O clã repete as narrativas em que o deus patrono familiar teria se revelado (...) ligando-se a ele por promessas de proteção e bens vitais, como uma terra fértil, posteridade numerosa e propriedade material”. No entanto, o autor não chega até a promessa da libertação que vai além da experiência do clã e o insere na revelação histórica de todo o povo de Israel.
3. GOTTWALD, Norman. *Introdução Sócio-literária à Bíblia Hebraica*, p. 151-152. Gottwald atribui Gn 15 à mistura das tradições mais antigas da revelação bíblica, a javista (século X, no sul de Israel) e a eloísta (séculos X a VIII, em Israel, reino do norte). Michaud (*Os Patriarcas: Gênesis 12-36*, p. 97) entende que o texto foi uma compilação de tradições feitas pelos redatores javista e eloísta, que lhe teria acrescentado os v.13-16, e que está baseado em duas tradições de promessas antigamente separadas: a da descendência e a da terra.

divindade(s) que são identificadas com Javé nos versos 1 e 14. Enfim, o texto trata das relações antigas e novas entre as divindades e uma família seminômade formada por um casal de pessoas idosas e sem descendência.

Mesmo com todo o ritual e todas as tradições antigas presentes neste texto (18,1-8), não parece ser algo habitual que casais de pessoas idosas, quando a mulher está na menopausa, venham a ter um filho: “Abraão e Sara eram velhos, avançados em idade, e Sara deixara de ter o que acontece às mulheres” (v. 11). Aqui, usa-se dois conceitos para enfatizar a situação em que se encontravam Abraão e Sara *zeqenim* (adultos maiores) e *b’iyim bayamim* (com muitos anos ou com uma longa história de vida).

Sara é a mais surpreendida com a promessa da descendência. Algo se mexeu “no interior do seu corpo” (*beqirebah* que João F. de Almeida traduz “no seu íntimo” e a TEB “consigo mesma”). De fato, esta promessa mexia com o corpo de Sara, cuja funcionalidade para a geração de vida ela tinha dado por finalizada. A risada de Sara emergiu do interior do seu corpo (18,12). A surpresa não é só pelo fato de ter um filho, mas também pela possibilidade de voltar a *ter prazer* (em hebraico *’edonah* v. 12b) com seu marido *velho* (*zaqan*). Diante disso, uma das figuras divinas, identificada com Javé (v. 14) afirma que para Deus não há coisa impossível, demasiadamente difícil, por demais prodigiosa... (v. 14b) e se estranha com o fato de Sara ter rido (v. 13). Esta reação da figura divina não deve ser entendida como uma censura contra Sara pela sua falta de fé (esta seria uma interpretação simplista demais e, às vezes, sexista demais), mas como um desafio para ela sair do casulo da des-funcionalidade, no qual tinha colocado seu próprio corpo. Assim, Deus atinge seu objetivo, tirando Sara do seu esconderijo, quebrando seu silêncio diante de Deus e levando-a a deixar de negar suas frustrações (v. 15).

A risada de Sara foi uma reação contra o processo de morte que tinha se instalado dentro do seu corpo e, por extensão, do processo de morte da sexualidade do casal e da vida futura de toda a família e do todo o povo. Os nove meses ou *tempo da vida* (*ka’et haiah*: vs. 10 e 14) foram o fruto da redescoberta da vida daquela mulher idosa chamada Sara. A risada de Sara assinalava o poder regenerador da promessa de Vida. No relato do nascimento de Isaac (cujo nome significa *rirá*), Sara dá um novo sentido ao seu riso: “Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo” (Gn 21,6).

Todas as promessas (da terra, da libertação, da vida longa e plena) nascem da capacidade desta mulher idosa e seu marido, também idoso, de acreditarem que, apesar do estigma sócio-biológico e das fragilidades físicas, era possível, junto com Deus, gerar mais vida e mais esperança, fazendo muita gente sorrir de felicidade!

2.2. A alegria da idosa Isabel

A revelação de Jesus Cristo como é apresentada no Evangelho segundo Lucas apresenta uma experiência que tem profundas ligações com a de Sara e Abraão. Trata-se de Isabel e Zacarias (mãe e pai de João Batista). A revelação do sentido do minis-

tério de João Batista, na experiência de Isabel e Zacarias, é apresentada em duas partes (Lc 1,5-25 e 37-45). No meio da experiência de Isabel e Zacarias fica a anunciação da encarnação de Jesus em Maria (1,26-38), tendo como ponto de contato o diálogo entre uma mulher jovem (Maria) e uma idosa (Isabel), motivando o Cântico de Maria (1,46-56).

As anunciações (predições dos nascimentos de João Batista e de Jesus) e os respectivos nascimentos são apresentados de forma simétrica⁴ e, assim, com a ligação entre Sara e Abraão e Isabel e Zacarias, Lucas quer mostrar que há uma continuidade do cumprimento das promessas reveladas nos primeiros tempos. A intencionalidade de Lucas ao unir Primeiro e Segundo Testamentos através das promessas é particularmente evidente no Cântico de Maria: “Amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais” (Lc 1,54-55, tradução João F. Almeida). Ao riso da idosa Sara (no Primeiro Testamento) corresponde o júbilo da idosa Isabel (no Segundo Testamento).

A revelação de Deus dada a Maria sobre Isabel que “concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril” (Lc 1,36) é praticamente uma cópia da frase dita a Abraão sobre Sara: *me adunatei para tou Teou rema / Não há coisa impossível para Deus* (Gn 18,14b, na Septuaginta); *ouk adunatesei para tou Teou pan rema / Não haverá coisa alguma impossível para Deus* (Lc 1,37b).

Ao Isabel falar com Maria também sentiu a vida alegrar-se no seu útero: “mexeu-se com grande alegria o bebê no meu útero”, igual a Sara (*te kolía mou*; que Almeida traduz “dentro de mim”; Lc 1,44). A alegria que emerge de dentro do corpo idoso de Isabel leva felicidade a todas as pessoas.⁵ A alegria de Isabel é a fonte da profecia de Maria (no seu Cântico) e o cumprimento da profecia de Sara: “todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo” (Gn 21,6b).

A intencionalidade da revelação divina do Primeiro (Antigo) Testamento e do Segundo (Novo) Testamento é mostrar através das pessoas idosas, e especialmente do corpo de Sara e Isabel, a fonte da promessa e da esperança, o recomeço permanente da Vida e não seu fim.

3. A perspectiva da alegria inclusiva em Lucas como aproximação aos textos sobre Simeão e Ana

Entre as tradições sobre o nascimento e infância de Jesus, o Evangelho segundo Lucas destaca a participação de duas pessoas idosas: Simeão (Lc 2,25-35) e Ana (Lc 2,36-38). Qual teria sido a intencionalidade divina percebida pela comunidade lucana em introduzir a tradição de duas pessoas idosas como portadoras da alegria de receber Jesus como messias?

4. BOVON, François. O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Em: *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*, p. 215-216.

5. LOCALI, Mauro. *San Lucas y su Iglesia*, p. 101 –116.

A alegria é uma das características mais fortes do Evangelho segundo Lucas. A alegria abre o Evangelho (nos textos sobre a gestação, nascimento e infância de Jesus) e o fecha na chamada “alegria pascal”.⁶ A alegria que Lucas vê como consequência do ministério de Jesus é inclusiva⁷ e extensiva. A alegria faz a conexão inclusiva no uso dos termos “nós” (que no Evangelho caracteriza aquelas pessoas e comunidades que já formavam esse alegre povo de Deus em Cristo) e “muitos/as” ou “todos/as” (que representam as pessoas que, igualmente, poderiam vir a participar dessa alegria). A relação inclusiva entre o “nós” (em grego *hemin*) e *muitos* (em grego *poloi*) fica evidente já nos primeiros versículos quando a obra é dedicada a Teófilo:

“Visto que *muitos* tentaram compilar a narrativa sobre tudo o que aconteceu entre *nós*, assim transmitiram para *nós* o que foi dito pelas testemunhas oculares que se tornaram ministros da Palavra” (Lc 1,1-2).⁸

Neste caso a introdução ao Evangelho busca harmonizar “nós” (os que receberam oralmente o testemunho das pessoas que ministravam a Palavra de Cristo) e “muitos” (que sistematizaram a narrativa sobre esta questão). Lucas mostra que Deus quer incluir o “nós” nos “muitos” e vice-versa.

Enquanto “nós” continua sempre representando a perspectiva do próprio Lucas e das comunidades dos Teófilos/as, o “muitos” passa a representar também aquelas pessoas que ainda não participam da alegria, isto é, as excluídas que devem ser incluídas. Sobre o nascimento de João Batista da idosa Isabel se diz em Lc 1,14: “*muitos* se alegrarão com seu nascimento”. Este “muitos” são aquelas pessoas que ainda não participam da alegria. Aquelas que, como a própria Isabel, estavam excluídas estão sendo incluídas. Quando o nascimento é anunciado aos pastores (Lc 2,15 e 18), a transição se dá entre “nós” (os pastores) e “todos” (as pessoas que ouviam e se maravilhavam).

A perspectiva da alegria inclusiva através do “nós”, do “muitos/as” e do “todos/as” está presente nos textos que falam da alegria de Ana e Simeão como pessoas idosas. Simeão disse que Jesus seria motivo de “queda e elevação de *muitos* em Israel” (Lc 2,34) e que através do sofrimento de Maria “serão revelados os pensamentos de *muitos* corações” (Lc 2,35).⁹ Ana, cujas palavras desconhecemos, é apresentada em 2,38 como aquela que “louvava” (em grego *antomologueito*, isto é, “dava graças”) e falava para “todos/as” os/as que esperavam a redenção de Israel. Simeão e Ana são, como antes o foram Maria, Isabel e os pastores, o “nós” (incluídos na alegria) e suas palavras se dirigem a “todos/as”.

6. LOCAL, Mauro. *San Lucas y su Iglesia*, p. 102 e 103. O autor enfatiza a característica da alegria em Lucas, observando que “*solo El evangelho de Lucas termina sai*”.

7. Idem, p. 106 e 109. A inclusão é, segundo este comentário, um ato intencional de Lucas e é realizada através da participação na alegria exultante manifesta em sentimentos, ações e na liturgia hípica e festiva e ainda enfatiza que “*la ‘inclusión’ ya mencionada a propósito del tema de la ‘alegria’, de hecho, se repite de modo muy especial em los dos primeros capítulos (...) y en el último*”.

8. Tradução própria.

9. Bíblia Sagrada (Editora Vozes, 1991), p.1240.

Simeão e Ana são apresentados intencional e explicitamente como pessoas idosas. No caso de Simeão a referência a sua condição de idoso é indireta através da proximidade da sua morte, pois ele “não morreria antes de ver o Cristo do Senhor” (Lc 2,26b). No que diz respeito à Ana, o texto é ainda mais explícito, afirmando que ela era de “idade muito avançada”, e mencionando mais adiante que teria 84 anos (Lc 2,36a e 37b).

3.1. Simeão: buscar a alegria e a realização dos sonhos antes da morte

Maria, José e Jesus chegam ao Templo para dois atos sacramentais previstos na lei judaica: a apresentação da criança e a purificação da mãe. A apresentação (consagração) se deve ao fato de se tratar de um primogênito (cf. Ex 13,12.15 e Nm 18,15). Já a mãe, conforme a lei levítica, ficava impura por sete dias (até a circuncisão do menino). Depois da circuncisão a mãe devia se manter afastada das coisas sagradas por mais trinta dias (quando o filho era menino), devendo apresentar, no fim deste tempo, uma oferta de purificação que, no caso de ser pobre, poderia ser de duas rolas ou pombos (Lv 12,6-13).¹⁰

Lucas cita a lei “de ouvido”, já que sua referência não está diretamente tirada das escrituras e mistura os dois rituais. No entanto, Lucas está mostrando, ao indicar o que seria sacrificado, que Maria e José eram pobres (Lc 2,24). Quer dizer que à vista dos freqüentadores do Templo esse casal, com aquela criança de um pouco mais de um mês de idade, não era mais do que uma família pobre do interior cumprindo minimamente suas obrigações religiosas.

Simeão é apresentado, neste contexto, como “uma pessoa que estava em Jerusalém”, “uma pessoa justa e piedosa” que “esperava a consolação de Israel”. Além disso, é afirmado que “o Espírito Santo estava com ele” (Lc 2,25). A relação de Simeão com Jerusalém é um tanto ambígua. Seria alguém de Jerusalém ou alguém que estava por lá? Seria Simeão mais um peregrino? Esta última possibilidade parece mais clara quando Lucas afirma que: “veio ao Templo movido pelo Espírito” (2,27). Neste caso, Simeão se parece mais a um profeta do que a um sacerdote. Simeão era um peregrino profeta que vivia na esperança de, antes de morrer, ver o Cristo. Desta forma pode se inferir que durante muitos anos Simeão peregrinou buscando ver o Cristo e que finalmente realizou seu sonho o que, além de ser motivo de grande alegria, deu sentido a toda a longa peregrinação da sua vida.

A alegria de Simeão foi expressa na ação de tomar o neném nos seus braços e louvar a Deus, pronunciando então as palavras que estiveram contidas nele por tanto tempo:

“Agora despedes o teu servo, Senhor,
conforme a tua palavra, em paz.
Porque meus olhos viram tua salvação,
a qual preparaste diante de todos os povos:

10. MORRIS, Leon L. *Lucas, introdução e comentário*, p. 83-84.

Luz para se revelar às gentes
e glória do teu povo Israel” (Lc 2,29-32).

O que se manifesta em Simeão não é o cansaço de esperar, mas a felicidade de ter vivido para ver sua esperança realizada! Simeão não se limitou a ver e morrer. Antes ele proclamou para todos os povos (*laôn*), a todas as pessoas, gentes, etnias (*etnon*) e ao seu próprio povo, Israel, a salvação.

A “despedida em paz” não parece a daquele que vai morrer logo, mas parece a voz daquele que deseja a vida e a salvação para todas as pessoas. Essa alegria não morre!¹¹ De fato, nada se diz sobre a morte de Simeão, que pode ter acontecido pouco tempo ou muitos anos depois. O importante para Simeão é dar sentido à vida. Simeão mostra que não é tão importante quanto se vive, mas ter um propósito para dar sentido à vida.

Finalmente Simeão abençoa, sem ser sacerdote, aos admirados mãe e pai de Jesus e se dirige particularmente a Maria com uma palavra especial. O anúncio de Simeão para Maria parece cruel “uma espada traspassará tua alma” (Lc 2,35a). Trata-se de uma consolação antecipada vinda de alguém que já tinha entregado toda sua vida à esperança da salvação. Quem mais poderia dizer algo assim à jovem Maria?

3.2 Ana: profetisa, e viúva de “idade avançada”

O que primeiro chama a atenção sobre Ana é o título de *profetisa*. O próprio Lucas, em Atos dos Apóstolos, usará este título para falar do profetismo feminino muito comum nos templos gregos e que vai sendo incorporado à prática das primeiras comunidades cristãs, como no caso das quatro filhas de Felipe (At 21,10).

Por outro lado, o texto refere-se ao profetismo feminino dentro do Templo de Jerusalém. Este tipo de profetismo, ligado ao sacerdócio e ao Templo, tem seu mais chamativo exemplo na profetisa Hulda (2Rs 22,14-20). Mesmo que Hulda não esteja profetizando dentro do Templo, ela é reconhecida pelo sacerdote como uma porta-voz autorizada da *palavra*¹² de Javé. O rei Josias, na ordem dirigida aos seus altos funcionários, indica que Javé deve ser consultado, mas não diz através de quem será consultado. O Sacerdote Helcias vai então à procura da *profetisa* Hulda (2Rs 22, 13-14).

Esta figura de mulheres profetisas aparece já nas tradições fundantes de Israel com Miriam (Ex 15,20) e Débora (Jz 4,4). Estas mulheres que recebem o título de profetisas expressam a palavra profética de Javé através de cânticos de vitória. Outras mulheres, mesmo sem receber explicitamente o título de *profetisa*, anunciam profeti-

11. PIKAZA, Javier. *Teologia de Lucas*, p.31. Este autor, como muitos outros, faz a interpretação tradicional de que tanto Simeão quanto Ana representam o “velho Israel” que, com o advento de Jesus, “já pode morrer” (também em Carrol Stuhlmueller, *Evangelho de Lucas*, p. 50).

12. A profecia de Hulda (2Rs 22,15 e 18) começa com a fórmula clássica do profetismo vétero-testamentário “Assim diz Javé, Deus de Israel” (cf. Is 7,7; 10,24; 22,15 e Ez 3,11.27; 5,5; entre outros – “Assim diz o Senhor Javé”; Jr 2,2.5; 4,3.27 e Am 1,3; entre outros – “Assim diz Javé”) e termina com outra fórmula distintiva do profetismo “*palavra de Javé*” (*debar-YHWH*) que chancela a autoridade profética (cf. Os 4,1; Am 3,1; 7,16; 8,1; entre outros).

camente os planos de Deus para seu povo. Outra Ana, a mãe do juiz/sacerdote/profeta Samuel, pronuncia um cântico que exalta a vitória de Javé. Embora alguns comentários, que em geral têm dificuldade para reconhecer o papel da mulher na formulação da teologia israelita, entendem que o Cântico de Ana teria sido apenas colocado na boca dela, as leitoras feministas não têm a mesma opinião. Jonneke Bekkenkamp e Fokkeliën van Dijk, que estudaram as tradições culturais das mulheres no Antigo Testamento, afirmam:

*Mulheres que dão à luz e que experimentam comum luta entre a vida e morte, entoam um cântico de vitória, quando sobrevivem e dão à luz uma nova vida. Isto de forma alguma, é masculino.*¹³

O mesmo vale para o Cântico de Maria (mãe de Jesus) em Lc 1,46-55, que tem um forte paralelo com o Cântico de Ana (mãe de Samuel). No entanto, nem sempre a atividade profética feminina está ligada à maternidade biológica. Débora, embora chamada de “mãe em Israel” (Jz 5,7), pronuncia seu Cântico profético a partir da luta e da esperança de todo o povo! O mesmo acontece com Miriam (Ex 15, 21).

Lucas afirma que Ana pertence à tribo de Aser e cita o nome do seu pai (Fanuel). A intenção desta identificação parece ser vincular Ana às antigas tradições proféticas de Israel. Morris diz que “Aser era uma das dez tribos perdidas”.¹⁴ Se este fosse também o pensamento de Lucas poderia estar querendo mostrar que Jesus vem recriar Israel desde suas raízes tribais, o que certamente incluiria as mulheres profetisas.

Pode ser também que Lucas tenha resgatado a tradição de “Ana da tribo de Aser” para mostrar que as mulheres profetisas, mesmo aquelas oriundas das religiões gregas, tinham um lugar especial na proclamação de Jesus Cristo como Salvador.

A profetisa Ana de Aser é também apresentada como *viúva*. O texto parece enfatizar que Ana (com oitenta e quatro anos) passou pouco tempo casada (sete anos) e que, como viúva, vinha exercendo sua atividade religiosa no Templo há muito tempo. Nas religiões antigas as mulheres virgens e as viúvas tinham papéis especiais, dedicando-se integralmente ao serviço do sagrado. Essa prática continuou na Igreja Cristã primitiva como se pode ler em 1Tm 5,5: “Aquele que é viúva e sozinha, e espera em Deus, permanecendo em súplicas e orações dia e noite”. Teria Ana de Aser fundado a tradição das mulheres viúvas e profetisas que participavam das comunidades cristãs primitivas? Nos demais textos do Antigo e Novo Testamentos as viúvas são pessoas pobres que, junto com os órfãos, recebem uma atenção especial de Deus (cf. 1Rs 17, 7-24 citada em Lc 4, 26). Elas são exemplo de doação (como a viúva pobre em Lc 21, 1-4 e Mc 12,41-44), mas também de luta intransigente pela justiça (cf. Lc 18,1-8). No caso da viúva que luta intransigentemente por justiça, também é mencionada sua dedicação “*dia e noite*” (18,1 e 7).

13. BEKKENKAMP, Jonneke e VAN DIJK, Fokkeliën – “O Cânon do Antigo Testamento e as tradições culturais das mulheres” Em: *Cântico dos Cânticos, a partir de uma leitura de gênero*, p. 96.

14. MORRIS, Leon L. *Lucas, introdução e comentário*, p. 86.

Mesmo sem saber quais foram as palavras ditas pela profetisa Ana de Aser, contamos com um riquíssimo testemunho de uma mulher profetisa que serviu a Deus durante muitos anos e que viveu intensamente a alegria da novidade da chegada de Jesus Cristo como Messias e Salvador de Israel. Ela não guardou para si a alegre novidade da salvação, nem a deixou dentro do Templo, mas “falava para todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2,38).

4. A alegria de viver superando a exclusão, o preconceito e a morte

O exercício de leitura feito a partir de Sara e Abraão (nas origens da fé judaica), que nos levou a Isabel, Simeão e Ana (nas origens da fé cristã), mostra a riqueza guardada nas tradições das pessoas adultas maiores na Bíblia. O desafio de olhar o texto bíblico na perspectiva de quem já viveu muitos anos permite ver elementos da vida ofuscados pela discriminação e o preconceito contra as pessoas idosas. Nossa sociedade ocidental está sendo construída sobre a idéia da “vida útil” e da “vinda inútil” como se os seres humanos, assim como os produtos, tivessem prazo de validade ou ficassem obsoletos pelo advento de novos avanços tecnológicos.

Por outro lado a Bíblia, oriental e sem esse tecnologismo moderno, nos mostra a enorme importância das pessoas adultas maiores para a geração e manutenção da esperança como mensageiras de novos sentidos para a vida.

A saga de Sara e Abraão mostra que os anos vividos não se opõem à aventura de viver. Cada idade tem seus desafios e, quando esses desafios apontam para a defesa da Vida, geram mais Vida e principalmente geram alegria para as outras pessoas. A alegria de Sara, gerou tanto a alegria de Isabel quanto a de Simeão e de Ana. A alegria de Isabel, Simeão e Ana gerou nossa alegria que brota da realização da vontade de Deus no mundo através de Cristo.

Um relatório estatístico realizado pelo Conselho Estadual do Idoso do Rio Grande do Sul, publicado em 1997, diz que, além de hábitos de vida saudável, “os idosos atribuem a longevidade principalmente ao gostar de viver” e que, mais de um terço dos consultados (39,92%), “afirmaram ter se tornado mais religiosos com o passar dos anos”.¹⁵

As tradições de Sara, Abraão, Isabel, Simeão e Ana mostram que é possível fazer da religião uma força que dá sentido à vida e faz gostar de viver.

Bibliografia

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1984.

Bíblia Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1991.

BEKKENKAMP, Jonneke e VAN DIJK, Fokkeliën. O Cânon do Antigo Testamento e as tradições culturais das mulheres. Em: Athalya Brenner (Org.), *Cântico dos Cânticos, a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo : Paulinas, 2000.

15. Conselho Estadual do Idoso. *Os idosos do Rio Grande do Sul (relatório de pesquisa)*, p. 46 e 47.

- CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO. *Os idosos do Rio Grande do Sul (relatório de pesquisa)*. Porto Alegre: CEI, 1997.
- GOTTWALD, Norman. *Introdução Sócio-literária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- LACONI, Mauro. *San Lucas y su Iglesia*. Navarra: Verbo Divino, 1987.
- MICHAUD, Robert. *Os Patriarcas: Gênesis 12-36*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- MORRIS, Leon L. *Lucas, introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- PIKAZA, Javier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- STUHLMUELLER, Carrol. *Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- SCHWANTES, Milton. *A Família de Sara e Abraão*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1986.
- THIEL, Winfried. *A Sociedade de Israel na Época Pré-estatal*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1993.
- TRADUÇÃO EUMÊNICA DA BÍBLIA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

Humberto Maiztegui Gonçalves
Av. Arnaldo Bohrer, 176 Apto 02
Teresópolis – Porto Alegre
Fone: (51) 33 36 90 37
E-mail: humbertox@uol.com.br